

## OS DESAFIOS DE ENSINAR, APRENDER E FORMAR NO CONTEXTO DA PANDEMIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Esther Santos Mendes<sup>1</sup>  
Flávio Miguel Archanjo<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir as experiências vivenciadas no programa de Residência Pedagógica sob a perspectiva do estudante residente, focalizando na realidade do ensino remoto em escolas públicas. Essas experiências dialogam com referenciais bibliográficos que vêm discutir sobre o relato de experiência como conhecimento científico (DALTRO; FARIA, 2019); a articulação da teoria e prática educativa (PIMENTA, 2012); e os desafios do processo educacional frente à pandemia (CAFÉ; SELUCHINESK, 2020). A realidade deste relato embasada na teoria mostraram que tanto estudantes como professores enfrentam desafios para manter-se engajados no processo de ensino e aprendizagem remoto devido às exigências desse formato e os impactos nas relações sociais, trabalho e motivação de ambos, assim também como o uso dessas ferramentas digitais influenciam os processos de formação docente demandando conhecimentos e habilidades para que futuros professores aprendam a se reinventar e dá continuidade ao processo educativo.

**Palavras-chave:** Residência Pedagógica, Docência, Motivação, Relato, Ensino.

### INTRODUÇÃO

Relatar uma experiência pode ser entendida como uma atividade que exige a elaboração e o encadeamento lógico de acontecimentos rememorados a fim de produzir uma compreensão pautada na experiência. Essa atividade evoca as competências narrativas do relator, é permeada sobretudo pela subjetividade e pela memória, essa ação é antes marcada pelas condições e visões históricas, ideológicas e sociais do relator que atribui um significado às suas experiências e, portanto, não correspondem a um ponto de vista absoluto e de verdades imutáveis. Como afirma Daltro e Faria (2019), o relato de experiência

---

<sup>1</sup> Graduada do Curso de Licenciatura em Educação Física da Associação Caruaruense de Ensino Superior, Centro Universitário Tabosa de Almeida - ASCES-UNITA, [esther.ssantos07@hotmail.com](mailto:esther.ssantos07@hotmail.com);

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [flavioarchanjo@asces.edu.br](mailto:flavioarchanjo@asces.edu.br)

[...] Configura-se como narrativa que, simultaneamente, circunscreve experiência, lugar de fala e seu tempo histórico, tudo isso articulado a um robusto arcabouço teórico, legitimador da experiência enquanto fenômeno científico” (DALTRO; FARIA, 2019. p.235).

Com base nessas autoras, o relato de experiência pode ser compreendido como forma de conhecimento científico que se caracteriza pelo entrecruzamento da teoria e da prática, em que o pesquisador também se situa no acontecimento em si, reflete sobre ele e refina os seus saberes a partir desta perspectiva contextualizada. Esse tipo de conhecimento desafia o pesquisador a articular seus conhecimentos teóricos coletivos com suas percepções individuais.

Diante disso, relatar as experiências pessoais neste programa de Residência Pedagógica não é tão somente descrever pessoas, lugares e métodos utilizados, mas provocar reflexões necessárias à formação docente pautadas na perspectiva de quem vivenciou os fenômenos narrados. E, a partir disso, construir um sólido conhecimento a respeito das condições de trabalho do professor, da realidade escolar, e das exigências do processo de ensino-aprendizagem no atual cenário.

Pimenta (2012), com embasamentos em Vásquez (1968) ao descrever a indissociável relação entre teoria e prática afirma que uma ação prática não pode falar por si mesma, pois necessita de um “mínimo de ingredientes teóricos” para existir; a saber que estes são: um conhecimento da realidade que será objeto de transformação, os meios adequados pelos quais essa realidade será transformada, um conhecimento da prática acumulado que possa sintetizar e/ou generalizar a ação prática e, uma antecipação dos resultados que se pretende atingir. Vê-se portanto, que a prática necessita de uma prévia teoria, e a teoria é construída mediante a ação prática sobre o mundo material e, também recebendo influências do mesmo.

Sendo assim, os processos de ensino, de aprendizagem, de organização, análise, avaliação e todas as atividades inerentes à ação educativa quando vivenciados na realidade do seio escolar podem se transformar em produtos de conhecimento que levarão a renovação das bases teóricas sobre o fazer pedagógico, e nessa transformação, contribuir para a humanização dos homens. Como afirma a autora “A atividade docente é práxis”, sem essa práxis, portanto, e a reflexão sobre ela, não é possível uma intervenção na realidade social.

O programa de Residência Pedagógica tem proporcionado a articulação entre essa teoria e prática a partir da ligação da formação inicial e continuada de professores

por meio de ações pontuais e planejadas decorrente da imersão dos discentes nas escolas de atuação do programa. Esse programa, diferentemente de outros tipos de residência, acompanha a graduação do discente, nos seus períodos finais, e aproxima esse estudante das práticas cotidianas de um professor já formado atuante na escola pública, mediados por um preceptor que além de supervisionar as atividades, atua na formação teórica dos discentes a fim de garantir a qualidade da experiência (FARIA; Diniz-PEREIRA, 2019).

Esse tipo de experiência se harmoniza com o desenvolvimento de um profissional bem mais preparado para o exercício da docência e que, conseqüentemente, aponta para a melhoria da qualidade da educação básica no país, tendo em vista que esses discentes seriam capazes de aperfeiçoar a relação da teoria e prática profissional. Nessa realidade experienciada no ano do relato, discentes, preceptores e estudantes da escola-campo, em decorrência da pandemia da Covid-19, foram afetados no seu modo de ensinar e aprender, assim como toda a realidade escolar e os processos de formação docente num cenário tão atípico e desafiador à educação. A escola (e o mundo) buscou se reinventar e encontrar soluções possíveis para dar prosseguimento ao ensino apesar do distanciamento social.

Questões como uso de tecnologias de informação e comunicação para o ensino aprendizagem, condições de acesso à internet de qualidade, motivação dos estudantes para aprender fora do ambiente da sala de aula, exigências na formação inicial de professores, entre tantas outras interrogações nos inquietaram e nos impulsionaram a (re)pensar sobre novos rumos na educação.

O ensino remoto tem se colocado como uma das principais alternativas para atender às exigências do distanciamento social e, como definido por Oliveira et al. (2020) o ensino remoto media a ação pedagógica por meio das tecnologias e plataformas digitais e assim, busca continuar o processo de ensino-aprendizagem diante da suspensão das aulas e atividades presenciais no cenário da pandemia. As plataformas digitais serão o principal veículo de acesso e realização de conteúdos, recursos, avaliações entre outras atividades.

Apesar do ensino remoto e tantas outras estratégias colocadas, percebe-se que a maior parte dos estudantes e professores enfrentam dificuldades para manter-se motivados diante dessa nova forma de ensino. A realidade tem mostrado que grande parte dos alunos compreendem o processo educacional, mas sentem-se perdidos e não acham exigências ou fatores que lhe deem interesse em concluir seus estudos (CAFÉ; SELUCHINESK, 2020).

Do lado da docência, professores têm relatado estresse e sensação de não conseguir cumprir com as demandas profissionais (BIMBATI, 2020). Além disso, estudantes em formação docente têm se deparado com novas exigências de competências e conhecimentos para lidar com novas formas de ensinar e aprender (ARAÚJO, MURCIA; CHAVES, 2020). Diante desses achados, levanta-se a seguinte problemática: qual a realidade do processo educacional na escola pública vivenciada por professores e alunos em tempos de pandemia?

Para responder esse questionamento, as pesquisas acima citadas, em conformidade com as experiências vivenciadas neste Relato buscarão embasar este trabalho que tem por objetivo principal discutir as experiências vivenciadas no programa de Residência Pedagógica sob a perspectiva do estudante residente; e enquanto especificidades 1) descrever as atividades planejadas e elaboradas para a escola-campo, 2) conhecer os desafios de engajamento dos alunos e a percepção dos professores no processo educacional e 3) compreender como essa realidade escolar influencia o processo de formação docente

## **METODOLOGIA**

O presente relato tem seu contexto na escola pública estadual José Carlos Florêncio em Caruaru-PE que oferece a modalidade do Ensino Médio em tempo regular. O início do programa de Residência Pedagógica nesta escola começou a partir de outubro de 2020 com nove discentes e um preceptor da disciplina de Educação Física, todos como bolsistas do programa de Residência Pedagógica CAPES-ASCES-UNITA. Os encontros aconteciam duas vezes na semana remotamente para planejamento, execução de atividades e regências. Inicialmente, as reuniões eram destinadas à construção de um cronograma de atividades, planos de aula e material didático de cada encontro remoto com os estudantes.

As aulas na escola estavam sendo ministradas através das plataformas Google Meet e Google Classroom, sendo estas com aulas síncronas e atividades assíncronas, respectivamente. Para as aulas síncronas era destinado um horário para cada disciplina de modo que ficasse organizado o momento de cada aula para os estudantes

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na primeira aula síncrona pelo Google Meet regida pelos residentes menos de 50% de todos os estudantes compareceram, o que nos fez pensar em estratégias para ministrar o conteúdo e garantir a aprendizagem. Nas semanas que se seguiram com a autorização estadual do retorno às aulas presenciais (ainda que facultativo) esperava-se um quantitativo significativo de estudantes na escola, entretanto, a presença dos mesmos representou um percentual muitíssimo baixo. Essa realidade tem levantado interrogações sobre a postura dos estudantes entre o dilema de: aprender através das plataformas digitais em casa ou voltar à rotina da escola tão esperada pelos alunos.

Para compreendermos esse fenômeno podemos nos reportar à pesquisa de Café e Seluchinsk (2020) em que os autores aplicaram um questionário com estudantes do 3º ano do ensino médio acerca das motivações para a continuidade dos seus ensinamentos de forma remota e a maior parte deles (39,68%) relatou sentir-se desinteressado e desmotivado no ensino remoto. Apesar do uso das ferramentas digitais se colocarem como indispensáveis ao prosseguimento dos estudos existem fatores que interferem diretamente na qualidade de usufruto dessas ferramentas e que por si só não garantem a efetivação da aprendizagem, como aponta Souza (2020, p.115)

Na educação online, o AVA<sup>3</sup> é um espaço de encontro, espaço de produção e de subjetividade. Se não houver diálogo, se não houver espaço para os afetos, o ambiente não passará de uma plataforma. A interatividade, os movimentos, as relações no AVA e para além dele é que produzem o ambiente.

Assim, mesmo quando o aluno está inserido no processo educacional, se este não for atrativo ou demandar exigências ou mostrar-se como essencial, dificilmente este aluno voltará aos seus estudos. “São índices que revelam que a construção do saber não está se concretizando, a organização do coletivo no contexto educacional não tem um norte específico, deixando o aluno desorganizado no espaço e na organização do conhecimento.” (CAFÉ; SELUCHINESK, 2020, p.204).

Na residência, foi observado que mesmo com o uso das plataformas digitais para manter o contato com os estudantes e continuar os processos de aprendizagem, poucos alunos responderam positivamente a esse novo modelo de ensino. Isto foi expressado em poucas devoluções de atividades postadas pelos residentes e baixa interação com

---

<sup>3</sup> Sigla para “Ambiente Virtual de Aprendizagem” É uma forma de gestão de sala de aula num ambiente virtual, nesse espaço são disponibilizados os conteúdos, as avaliações e fóruns para promover a interação entre professores, tutores e alunos.

colegas e professores pelas plataformas digitais, em conformidade com o que escreve Araújo, Murcia e Chaves (2020, p.169) “[...] As consequências [da pandemia] foram colossais e moldaram a forma como as pessoas se relacionam nas mais variadas camadas de suas vidas, uma vez que o distanciamento social interfere diretamente nas relações sociais”.

Do outro lado desse contexto, os professores ao serem questionados sobre a experiência do trabalho remoto, tipo de atividades e materiais trabalhos à distância além da saúde mental dos mesmos comparados ao período antes da pandemia 63% dos participantes avaliaram-na como ruim/razoável e 5% consideraram como ótima/excelente. Ademais, estes profissionais indicaram o estresse envolvido na necessidade de aprender rápido e reorganizar o planejamento, a falta de reconhecimento e o aumento no tempo de preparo de aulas e dedicação aos alunos serem os fatores mais expressivos no tocante à sua saúde mental. (BIMBATI, 2020).

A ação educativa envolve uma série de ações e procedimentos para que se tenha êxito no processo de ensino-aprendizagem e vão muito além do que apenas a transmissão de conteúdos; é necessário planejamento, adequação dos conteúdos, definição clara de objetivos, escolha de métodos adequados, decisões guiadas princípios éticos e uma avaliação coerente com os modelos remotos de ensino. Todas essas questões devem ser consideradas pelo professor ao elaborar e ministrar suas aulas, sejam presenciais ou de forma remota, envolvendo um profundo comprometimento e responsabilidade com os alunos e a escola que trabalha.

Quanto aos residentes, o domínio das ferramentas digitais evidenciada pela pandemia levou a questão da formação e capacitação de professores a um novo patamar. É necessário formar professores para saberem atuar em novos espaços, com novos recursos e tempos, como é o caso dos ambientes virtuais de aprendizagem; é de fato aprender a se reinventar.

Na escola-campo da Residência Pedagógica, apesar da volta gradual dos estudantes à escola, ainda permaneceram o uso das plataformas digitais como instrumentos de ensino. Assim, aulas assíncronas gravadas pelo Google Meet, postagens de atividades e conteúdos pelo Google Classroom foram os canais de ensino mais utilizados pelos residentes para execução das atividades do programa. Sendo essas mesmas plataformas as que estavam sendo utilizadas nas aulas na universidade o que facilitou a familiarização e domínio dos residentes nas atividades do programa. Contudo, diante disso, vale lembrar que

[...] é preciso se atentar de que somente se apoderar e fazer uso das ferramentas e potencialidades que as TDICs (**Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação**) trazem, não significa novas formas e práticas pedagógicas aplicadas ao ensino. É necessário aliar o conhecimento teórico e tecnológico, e neste âmbito, se reforça a importância da formação de professores, visto que estes possuem um importante papel no processo de melhoria da educação como um todo. (ARAÚJO; MURCIA; CHAVES. 2020, p.175, grifo nosso).

Sendo assim, é importante nesse momento de formação promover atividades e reflexões sobre este espaço virtual e as habilidades exigidas para usar com competência as ferramentas digitais a favor da aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino remoto decorrente da pandemia trouxe novas exigências aos modelos tradicionais de ensinar e aprender. As pesquisas têm apontado que os desafios que se seguiram decorrentes desse novo modelo afetaram não somente as questões pedagógicas, mas todo o contexto social, emocional e pessoal de professores e estudantes. Lidar com o ensino remoto mediado pelas ferramentas digitais não se resume numa questão apenas de domínio tecnológico, mas antes de refletir em como a aplicação destas pode se dar num contexto educacional, sobretudo na realidade de escolas públicas como a desse relato de experiência.

Fatores como condição social dos estudantes, relação entre professores e alunos no ensino remoto, nível de domínio dos recursos tecnológicos não foram alvo de análise e reflexão neste trabalho, mas podem ser elementos importantes para pesquisas futuras.

Como pontuado no início deste trabalho, o relato não pode se assumir como um ponto de vista absoluto, mas espera-se que por meio deste, que buscou interligar teoria e prática, que essas experiências possam contribuir para refletir os caminhos da educação básica e buscar alternativas para transformar situações adversas em soluções viáveis

## AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à Capes pelo apoio financeiro ao desenvolvimento desta pesquisa no âmbito do programa de Residência Pedagógica.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marcos Vinicius Neves; MURCIA, Josy Helena; CHAVES Thayná Miranda. A formação de professores no contexto da pandemia do Covid-19. In: PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro. **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

BIMBATI, Ana Paula. Qual é a situação dos professores no Brasil durante a pandemia? **Nova Escola**. 01 jul. 2020. Disponível em: Qual é a situação dos professores brasileiros durante a pandemia? (novaescola.org.br). Acesso em: 23 jul. de 2021.

CAFÉ, Laércio de Jesus; SELUCHINESK, Rosane Duarte Rosa. Motivação dos alunos do 3º ano do Ensino Médio para prosseguirem seus estudos frente às dificuldades da pandemia do covid-19. **Revista Humanidades e Inovação**. v.7, n.16 p. 199-212 2020. Disponível em: motivação dos alunos de 3º ano do ensino médio para prosseguirem seus estudos frente às dificuldades da pandemia covid-19 | humanidades & inovação (unitins.br). Acesso em: 21 jan. 2021.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 19, n.1. p. 223-237. jan-abr. 2019. Disponível em: Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade | Daltro | Estudos e Pesquisas em Psicologia (uerj.br). Acesso em: 20 jan. 2021.

FARIA, Juliana Batista; Diniz-PEREIRA, Júlio Emílio. Residência pedagógica: afinal, o que é isso? **Revista Educação Pública**. Cuiabá, v. 28, n. 68, p. 333-356, maio/ago. 2019. Disponível em: Residência pedagógica: afinal, o que é isso? | Revista de Educação Pública (ufmt.br). Acesso em: 20 jan. 2021.

OLIVEIRA et al. Maria do Socorro de Lima Oliveira. **Diálogos com docentes sobre ensino remoto e planejamento didático**. Recife: EDUFRPE, 2020.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 11 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOUZA, Elmara Pereira. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Caderno de Ciências Sociais Aplicadas**. Vitória da Conquista/BA. v. 17, n. 10. p.110-118. jul/dez 2020. Disponível em: Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades | Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas (uesb.br). Acesso em: 20 jan. 2021